

A simultaneidade como elemento da urbanidade: aproximações ao tema a partir das imagens e representações da metrópole contemporânea

SILVA, Carlos Henrique Costa da¹

Resumo

No modo de produção capitalista o espaço é reproduzido a fim de se criar condições para a reprodução do capital. Assim, o espaço passa a ser reproduzido conforme uma lógica racionalizante e as estratégias são inúmeras para que esta lógica torne-se uma prática social. Neste processo, o tempo nos aparece cada vez mais efêmero e fluido como decorrência da lógica produtivista inerente à acumulação do capital. A partir do uso do vídeo clip da cantora Madonna *Ray of light*, debate-se este tema considerando as imagens do vídeo e o ponto de partida de nossas reflexões está na metrópole contemporânea.

PALAVRAS CHAVE: Tempo efêmero; comércio 24 horas; Madonna; espaço urbano

1 *Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos, Curso de Geografia - UFSCar campus Sorocaba. ricougo@ufscar.br (VER ESSA CITAÇÃO DO AUTOR- COMO PODEMOS FAZER PARA CITAR COM UMA ESTRELINHA, POR EXEMPLO)

Abstract

On the way of capitalist production the space is reproduced in order to create conditions for the reproduction of capital. Therefore, the space starts being reproduced according to a rationalized logic and the strategies are uncountable for this logic to become a social practice. In this process, time seems to us more and more ephemeral and flowed as a consequence of the productive logic inherent to the capital accumulation. Using Madonna's video clip *Ray of Light*, we debate this theme considering the images of the video and the starting point of our reflections is in the contemporary metropolis.

KEYWORDS: Ephemeral time; 24 hour commerce; Madonna; urban space.

1. Introdução

A trajetória teórica e metodológica que este trabalho busca percorrer liga-se a tentativa de contribuir para os estudos geográficos contemporâneos que procuram dar respostas, do ponto de vista do espaço geográfico, para as atuais condições da sociedade a partir do entendimento da força desempenhada pelo modo capitalista de produção no processo de reprodução do espaço urbano, utilizando-se de um recurso audiovisual com intuito de permitir a reflexão sobre as diversas temporalidades existentes nas metrópoles.

Em nossa perspectiva, a Geografia estuda a sociedade por meio de sua espacialização. Consequentemente, estudar o espaço significa compreender a dinâmica social que produz o espaço e nele se reproduz.

Segundo Lefebvre (1978), as relações sociais se realizam concretamente enquanto relações espaciais, o que nos aponta que, o homem social no decorrer de seu tempo histórico se relaciona com o outro produzindo materialmente o espaço e se produzindo como ser social.

A noção de produção extrapola a simples produção de mercadorias, diz respeito à produção de ideologias, valores, costumes, do espaço e até do próprio homem. A noção de reprodução diz respeito a um processo com uma escala maior que reproduz as produções já existentes, porém contém dentro de si novas produções. Daí, ser considerada como uma categoria de análise totalizante.

É nesse sentido que as noções de reprodução e totalidade são fundamentais ao desenvolvimento de uma geografia crítica contemporânea. Consideramos que o modo de produção capitalista, no movimento de seu desenvolvimento, produz

relações sociais contraditórias. É sob a égide do capitalismo que a produção do espaço se dá de modo desigual e contraditório e torna-se condição para a acumulação do capital e para a reprodução da vida.

No modo de produção capitalista o espaço é produzido a fim de se criar fluidez para a reprodução do capital. Assim, o espaço passa a ser (re)produzido conforme uma lógica racionalizante e as estratégias são inúmeras para que esta lógica torne-se uma prática social. Nesse processo, o tempo nos aparece cada vez mais efêmero e fluido como decorrência da lógica produtivista inerente à acumulação do capital.

A complexidade do processo de (re)produção do espaço urbano nos apresenta novos processos e agentes sociais que surgem no constante movimento de reprodução espacial.

Neste contexto, o processo de urbanização das metrópoles parece se concretizar ao passo que ganha novas formas e novos conteúdos relacionados ao capitalismo contemporâneo, que se caracteriza com uma flexibilização do processo produtivo industrial que extrapola os limites da fábrica e vai em *consonância* com o setor financeiro da economia, e atinge o setor de comércio, de serviços, a vida cotidiana, portanto atingindo toda a cidade.

É por esta linha de raciocínio que o presente trabalho se enquadra. O seu desenvolvimento se vincula a produção de um conhecimento geográfico que dê conta de explicar as contradições contidas no processo de reprodução ampliada do capital na contemporaneidade, considerando o espaço como produto e condição para sua reprodução, apontando para o espaço seu principal objeto de apropriação conforme Harvey (2004).

Analisar e refletir sobre a simultaneidade dos fatos e acontecimentos da vida cotidiana nas metrópoles é, hoje, tarefa imprescindível para a compreensão dos conteúdos econômicos, sociais e culturais que condicionam, mas também são produtos, da reprodução das relações sociais.

A geografia têm se destacado dentre as demais ciências humanas no período contemporâneo por estar conseguindo trabalhar com um amplo espectro de temas a partir de teorias e metodologias que têm conseguido auxiliar na reflexão contínua das transformações do mundo moderno. O ensino das complexidades do espaço geográfico com o uso de imagens tem sido um recurso fundamental para ampliar o escopo das suas reflexões.

2. Tempo e espaço na metrópole contemporânea

David Harvey (1992) trata dos processos de “aceleração do tempo” dizendo que este fenômeno é fruto de novas formas organizacionais e novas tecnologias produtivas, como a desintegração vertical das indústrias, as entregas *just in time*, as desqualificações e requalificações de regiões, cidades, empresas ou pessoas a partir da maior utilização da informação e do conhecimento científico.

Virillio (1993) observa para o fato do tempo contínuo, cronológico e das interrupções que se processavam nele como sendo elementos do passado. Pois hoje, dia e noite se artificializaram através da constituição de novos conteúdos que condicionam a reprodução do espaço, no qual informação, velocidade, competitividade surgem como os elementos que direcionam a vida humana. O pensamento deste autor, no entanto, considera uma sobreposição e vitória do tempo sobre o espaço, o que não consideramos correto, já que pensamos que o espaço fortificou-se com a aceleração da produção de novos conteúdos temporais, ligados à informação, a informática, aos meios de comunicação e de transporte.

Segundo David Harvey (1992, p.257)

A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição (empacotamento, controle de estoques, containerização, retorno do mercado, etc.), possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior.

Através da citação acima, que exemplifica um dos momentos que o autor considera como de aceleração do tempo, percebe-se que há um movimento de transformações também no espaço, já que circulação, troca, consumo e produção se dão, sobretudo, em um espaço concreto. As distâncias não ficaram menores em termos físicos e tão pouco o tempo ganhou mais horas. O que presenciamos é uma aceleração, isto é, um aumento na velocidade dos elementos que conformam o sistema capitalista, incluindo as relações sociais que se desenrolam no cotidiano. O ponto central desse pensamento é a rapidez dos processos, ou seja, a velocidade das transformações. Nesta direção, estamos de acordo com Carlos (1996, p.28) quando afirma que

O que se busca é a diminuição do tempo do percurso e não do espaço do percurso que continua sendo um dado

inquestionável, os fluxos seja eles materiais ou imateriais deslocam-se num espaço concreto a ser percorrido. O que efetivamente ocorre é que o desenvolvimento das comunicações tornou o espaço contínuo, o que permite abolir o tempo.

O espaço, dessa maneira, ganhou muito mais importância. Se o tempo passa a ser um dado adicional para a reprodução do sistema e através de movimentos sucessivos de descobertas e desenvolvimento de técnicas de comunicação e transporte acelera-se em termos de transferência de dados, informações e pessoas, o espaço não, pois sua materialidade é real e concreta. No entanto, a relação que se processa entre espaço e tempo revela-se em termos de fluidez, ou seja, as trocas de fluxos de informações e pessoas tendem a produzir um novo ritmo ao espaço urbano fazendo surgir novas funções. Estas acabam dando origem a novas formas ao urbano, já que se reproduzem no espaço. Este movimento, que na metrópole pode ser visto com mais intensidade devido a simultaneidade de acontecimentos, a policentralidade e a massiva concentração de bens, serviços e pessoas, torna-se discurso hegemônico, tornando as metrópoles um espaço em mutação constante, onde novas formas e funções surgem e dão razão para o surgimento de outras sucessivas.

A partir dessa nova dinâmica que tem garantido atualmente a reprodução do espaço urbano metropolitano, Carlos (2001) afirma que esses novos conteúdos surgidos a partir da aceleração do ritmo da produção e da constituição de novos conteúdos sociais advindos da reprodução das relações sociais de produção, o tempo torna-se efêmero e o espaço amnésico.

O tempo como uso, isto é, como duração da ação no espaço, revelado nos modos de apropriação, é, hoje, um tempo acelerado, comprimido, imposto pelo quantitativo. A quantificação do tempo e do espaço atravessa as relações presentes na sociedade, penetra o universo da vida cotidiana do cidadão, não só pela constituição de uma rotina organizada, mas pelos atos, gestos, modos de uso dos lugares da vida, perfeitamente homogêneos. Com a quantificação do tempo, o capitalismo invade a sociedade, a necessidade de um novo tempo de produção atinge as relações cotidianas e transforma os usos, porque o próprio espaço, condição e produto da produção, também se transforma. Espaço e tempo abstratos redefinem constantemente os usos. (CARLOS, 2001, p.249)

Espaço e tempo tornados abstratos, esvaziados de sentido devido à imposição de um novo ritmo que se gesta através dos avanços técnicos, contribuem para a formação de uma nova identidade, com a perda de referenciais e empobrecimento das relações sociais, frutos do desenvolvimento e expansão do mundo da mercadoria, definido pelos padrões da reprodução capitalista do momento atual.

Entender o funcionamento das metrópoles em uma duração de tempo ininterrupto, ou seja, 24 horas, se torna um elemento importante para se estudar o processo de mundialização em seu estágio atual, pois revelam a dinâmica contemporânea onde o discurso da velocidade, rapidez, fluidez, personalização, transformam-se em grandes emblemas da competitividade e da lucratividade no meio empresarial e social. Neste sentido, produção de imagens, modos de vida, ritmos de consumo são levados para o centro da vida cotidiana, e consumir apresenta-se como um dos grandes imperativos do período atual.

Este processo de totalização do funcionamento das cidades, onde estas não param nunca, ou pelo menos não podem parar, mostra ao mesmo tempo um empobrecimento das relações sociais e uma diversificação para a busca do lucro.

Entender a cidade no seu ritmo 24 horas nos permite assim, sinalizar em direção ao ritmo incessante do capital que está cada vez mais impregnado no cotidiano das pessoas e, por esta razão, é muito importante discutir até que ponto os estabelecimentos que funcionam ininterruptamente (24 horas) significam a (pós) modernidade para as cidades ou se constituem a perda de referenciais urbanos para o habitante.

3. A simultaneidade como elemento da urbanidade

De forma a exemplificar de que maneira a metrópole se reproduz, transformando o homem que nela habita e a sociedade urbana em sua totalidade, novas formas e novos conteúdos sociais são introduzidos no processo de reprodução do espaço, que hoje se consolida através da reprodução ampliada do capital. Deste modo, a metrópole se apresenta para o homem como simultaneidade de eventos que nela acontecem incessantemente, contribuindo para o que Lefebvre (1970) denomina de perda dos referenciais da vida cotidiana, auxiliando no processo de implosão-explosão da cidade, a partir dos impedimentos da construção de uma vida coletiva construída por meio das relações sociais reproduzidas na escala da rua e do bairro.

A metrópole, a partir de seus variados ritmos, surge como forma urbana que limita a socialização do homem enquanto ser coletivo, reduzindo as relações so-

ciais a relações permeadas por signos baseados na expansão da sociedade de consumo. Ou seja, a reprodução das relações sociais, tomam uma velocidade ditada pelos ritmos das mercadorias, produzindo o espaço urbano amnésico característico do tempo efêmero (CARLOS, 2000).

Nesta direção, com o uso do *videoclip* “Ray of Light” da cantora Madonna de 1998, buscamos discutir a questão dos ritmos da vida cotidiana e suas representações na metrópole.

O ritmo da metrópole, que é incessante, marcado pela racionalidade das ações e pela grande diversidade de alianças travadas no espaço urbano, permite a produção das mais diversas imagens. Pela seqüência do *videoclip*, pode-se perceber como a vida na grande cidade está estruturada, principalmente a área mais densamente equipada de serviços de padrão internacional. *Ray of Light* revela os variados ritmos da metrópole em um período de 24 horas, onde cada momento do dia é tratado com elementos próprios.

A manhã é retratada por imagens relacionadas às atividades de trabalho e a circulação dos meios de transporte. A hora das refeições, tanto o almoço como o jantar, é mostrada com movimentos em alta velocidade, retratando a força do *fast food* como padrão de alimentação nas grandes cidades. O período da tarde e de início da noite é representado por imagens da circulação de automóveis e pessoas por estabelecimentos e instituições de toda a natureza, como empresas, bancos, cartórios, escolas e academias. No início da noite os congestionamentos são vislumbrados a partir do uso intensivo dos meios de transporte e revelam a fragmentação do espaço da metrópole entre os lugares do habitar, do trabalhar e do lazer.

O período da noite é aquele mais obscuro e destinado às atividades do lazer, segundo o *videoclip*. A cidade se transforma num grande palco de luzes e imagens coloridas que dissipam para todos os cantos a ideia de grandiosidade e infinidade da metrópole. As discotecas, os restaurantes, os bares, os *shopping centers*, centros comerciais e ruas tornam-se os locais primordiais da interação social, todos repletos e conduzidos pelo ritmo do consumo, da mercadoria, onde divertir-se e consumir tornam-se as finalidades principais das pessoas.

A razão principal de discutir este *videoclip* centra-se no fato de que ele reproduz a imagem do ritmo da metrópole. Em *Ray of Light*, pode-se visualizar claramente o movimento de pessoas e produtos na metrópole. Além disso, a tradução do título – Raio de Luz – expressa a ideia da rapidez das ações na metrópole. O indivíduo retratado no *videoclip* é aquele que vive a metrópole em seu ritmo mais veloz. Seu cotidiano está controlado e imerso nas atividades hegemônicas

globalizadas. Vivendo os lugares apresentados pelo *videoclip* ele os reconhece e também os estranha, pois como está no meio deste turbilhão de sobreposição de imagens, às vezes não consegue discernir o que é a realidade e o que é a ficção. E, o principal, muitas vezes, o próprio habitante não consegue pensar sobre seu próprio papel dentro da sociedade e qual é a sua função, tal a quantidade de tempos e dinâmicas sócioespaciais aos quais se vê metido.

Podemos afirmar que as metrópoles são as obras humanas mais bem elaboradas e que estão em constante processo de transformação. Esta afirmação considera que a cidade, entendida enquanto objetivação material do urbano contém as formas sociais mais contemporâneas advindas do desenvolvimento técnico e do trabalho do homem. A realidade metropolitana revela sua participação nas relações econômicas globalizadas e por isso tem seu espaço permeado por vários vetores que controlam e direcionam sua vocação internacional, concentrando em partes de seu território as atividades mais hegemônicas, carregadas de decisões estratégicas tanto política como economicamente.

Algumas partes das metrópoles estão estruturadas a partir de sua conexão cada vez mais a uma rede planetária de fluxos informacionais conduzidos pelo mercado financeiro e pela rede de serviços e de distribuição de mercadorias. Podemos afirmar que nas metrópoles existe uma “ditadura do movimento” no cotidiano da população que utiliza ou frui a cidade, a partir de um ir-e-vir constante de carros, ônibus, metrô, vans, trens, pés, carroças. Estar nas metrópoles é estar sempre indo ou voltando para/de algum lugar.

Lefébvre (1978) nos faz compreender como se desenvolvem no espaço social os variados ritmos da vida. Para esse Autor o ritmo contém o tempo cósmico (planetário), o tempo cíclico (estações do ano), o tempo do cotidiano (com emprego determinado) e o tempo das atividades e instituições. É no cotidiano que se entrelaçam os variados ritmos, surgindo aqueles repetitivos cíclicos e os repetitivos lineares. O primeiro é aquele das estações do ano, do dia e da noite, dos ciclos mensais. O segundo se caracteriza pela prática social, ou seja, pela utilização do tempo pela sociedade, tornando-o monótono e impregnado de gestos e caminhos impostos.

Na metrópole, esses diversos ritmos se entrecruzam e se interferem. Lefébvre (1982) introduz nessa discussão a questão do corpo. Ou seja, os ritmos naturais são produzidos e vivenciados pelo corpo humano, onde se tem um ritmo natural, biológico, que cada vez mais sofre interferência dos ritmos racionais, ou seja, aqueles criados pela reprodução das relações sociais de produção, onde o tempo quantitativo marca e limita o ritmo social.

Na metrópole o ritmo racional aparece como discurso hegemônico e padrão de socialização; quem não vive nele está fora do sistema que comanda e dirige a reprodução social.

O ritmo da metrópole, que é incessante, marcado pela racionalidade das ações e pela grande diversidade de alianças travadas no espaço urbano, permite a produção das mais diversas imagens.

Retomando o *videoclip Ray of light* da cantora norte-americana Madonna, percebe-se que ele se inicia com o nascimento do sol e o despertar da cidade, onde o céu está envolto por uma camada de poluição que nunca some, típico das grandes metrópoles contemporâneas.

Durante a manhã, o momento principal das imagens do *videoclip* é o de ida ao trabalho, mostrando os grandes congestionamentos de automóveis nos centros urbanos e nas vias de acesso às periferias industriais, com as grandes construções rodoviárias sendo as locações preferidas. Além disso, o movimento na metrópole é retratado através do transporte público, principalmente o metrô. As pessoas que aparecem nas imagens estão sempre com pressa, mostrando-se estressadas, ocupadas e sem tempo, transitando de um lado para o outro.

O segundo momento que destacamos neste *videoclip* é a hora das refeições. Tanto o almoço como o jantar são retratados e realizados em alta velocidade, apresentando características do *fast food* como principal formato do ato de alimentar-se nas grandes cidades. As pessoas comem andando, trabalhando, dirigindo, em pé, sentadas, nas ruas e também nos restaurantes.

O período da tarde e de início da noite é retratado por imagens da circulação de automóveis e pessoas por estabelecimentos e instituições de toda a natureza, imperando o trabalho como atividade primaz deste recorte temporal. No início da noite voltam a ocorrer os congestionamentos nas estradas e os metrôs e ônibus aparecem novamente lotados.

A razão principal de discutir este *videoclip* centra-se no fato de que ele reproduz a imagem do ritmo da metrópole. Por fotos ficaria muito difícil, ou quase impossível, mostrar a velocidade em que se processam as relações sociais na metrópole. Em *Ray of Light*, pode-se visualizar claramente o movimento de pessoas e produtos na metrópole.

4. Considerações finais

Para finalizar, destacamos que as atividades comerciais e os serviços que funcionam 24 horas são elementos que propiciam a consolidação e reprodução des-

se processo de reconhecimento e estranhamento do habitante da metrópole. A situação de estar às três horas da manhã num supermercado, empurrando um carrinho de compras e colocando as mais diversificadas mercadorias nele passa a ser vista como natural para os habitantes da metrópole, pois o ritmo de vida não permite, muitas vezes, a realização de atividades básicas para a sobrevivência, em horários convencionais, o que suscita outras situações.

O comércio 24 horas é fruto das modificações pelas quais vem passando as metrópoles contemporâneas nos últimos vinte anos, ao mesmo tempo que permite o nascimento de um novo habitante da metrópole, com um outro ritmo de vida, produzido pela imposição do mercado e do processo de reprodução das relações sociais de produção. Enquanto discurso, esse “hábito” torna-se, muitas vezes, símbolo de *status*, e ir a uma loja 24 horas, no limiar, torna-se, em algumas situações, ponto de encontro.

Fazer uma leitura das metrópoles em movimento a partir de suas formas de comércio e consumo permite entrar na essência do capitalismo atual, onde a acumulação de capital se materializa nas mais diferentes formas, buscando fundamentalmente a fluidez do espaço através da maior velocidade dos fluxos de informação e superutilização dos recursos técnicos. O poder público entra como mediador na luta entre capital versus população e global versus local, estando tudo mergulhado num gigantesco jogo de imagens, signos e subordinação ao mundo da mercadoria, tornando o próprio espaço um elemento imprescindível nesse jogo.

Utilizar-se de recursos audiovisuais para o ensino da geografia, ou como ponto de partida para reflexões teóricas a respeito de variados temas geográficos, é uma ferramenta importante para compreender a dinâmica socioespacial atual. Em nosso caso, utilizamos o *videoclip* como recurso didático que nos fez refletir sobre a construção da imagem da metrópole em um período de 24 horas.

Com seu uso, podem-se abrir diversas possibilidades para se entender a metrópole contemporânea, ou ainda, pode-se iniciar um processo reflexivo sobre alguns elementos que fazem parte do funcionamento da metrópole capitalista atual, como o comércio 24 horas, a fragmentação socioespacial a partir das diferentes estruturas urbanas entre os lugares de habitar, trabalhar e de lazer da cidade, o espaço para as representações sociais coletivas, os locais de reconhecimento da cultura do lugar a partir do reconhecimento do patrimônio histórico-cultural como fatores essenciais para a compreensão da totalidade do espaço urbano e metropolitano.

A utilização de recursos audiovisuais permite a dinamização de práticas pedagógicas no contexto do ensino da geografia urbana, enriquecendo as possibilidades de se visualizar as diversas metrópoles do mundo e seu processo de reprodução espacial.

Referências

- CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **Espaço-Tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, A F. A.(org). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2000.
- HARVEY, D. **Condição Pós Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1992.
- _____. **A produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2004.
- LEFÈBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1970.
- _____. **Éléments de rythmanalyse. Introduction à la connaissance des rythmes**. Paris: Syllepse, 1978.
- _____. **A reprodução das relações de produção**. Porto: Escorpião, 1982.
- VIRILLIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.